



MARY GUTIERREZ DE LABRADA

MARY GUTIERREZ DE LABRADA

Nasci em Montevideo, Uruguai, no dia 26 de junho de 1935. Na infância brinquei muito com meu único irmão, com nossos primos e vizinhos. Vivi na companhia dos maravilhosos livros de contos que povoaram ricamente a minha imaginação.

Viajei por diferentes lugares com minha avó materna em visitas à família e em férias na fazenda dos amigos dos meus pais.

Formei-me Farmacêutica e Bioquímica na Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, e trabalhei na profissão até me aposentar.

Aos vinte e dois anos casei-me com Roberto Labrada, empresário, dez anos mais velho. A partir de 1962 passamos a residir no Brasil.

Até sua repentina partida em 2012, criamos nossa família com três filhos e meu enteado (primeiro filho de Roberto), sete netos e quatro bisnetos. Vivemos por cinquenta anos uma vida intensa, com muito amor, compartilhando as responsabilidades, superando os transtornos financeiros com muito trabalho, desfrutando de gratas realizações e muitas alegrias vindas da família.

Sempre gostei de crianças e de idosos, de estudar, da pesquisa científica relativa à saúde, de todas as artes e expressões culturais e da natureza.

Sou uma pessoa indignada perante a injustiça, a violência e o preconceito.

Amo a Deus acima de tudo! Tenho fé absoluta no Nosso Senhor e agradeço a oportunidade da minha vida plena de Sua benção e misericórdia.



A invasão

Era verão. Da janela da cozinha, tia Laurita e eu, admirávamos a noite de céu escuro pipocado de estrelas e o luar que vestia de prata os grandes e frondosos plátanos, que bordeavam a ampla avenida que vinha desde a porteira na estrada, até quase o jardim das rosas à frente da casa.

Todas as noites, bebíamos chá com bolo e doce de pêssego com caroço, delícia feita pela vovó Saturnina. Ela, depois de rezarmos, e antes de dormir, amenizava a saudade dos meus pais que me assaltava naquela hora, contando-me lindas histórias da família, de sua vida no Brasil, onde nascera, e outras, de quando já casada aos 18 anos com meu avô uruguaio, viveram na sua fazenda no Uruguai, tiveram e criaram seus doze filhos. O seu carinho sempre me fez muito feliz.

Meu tio, professor, Don Nolasco Pereira, era Diretor da Escola Pública Rural que durante o ano letivo recebia os alunos da região, para que com outras professoras, ministrarem o ensino da primeira à sexta série do curso primário oficial.

No “sulky”, veículo puxado por um só cavalo, eu passeava muito com meus tios, sempre admirando a beleza dos caprichados e coloridos plantios, quando íamos às compras na cidadezinha próxima, ou mais longe, quando brinquei no cristalino Arraio Conventos, ao regresso da Capital Melo.

Era verão e os alunos estavam em férias, por isso foi que eu tive o inesquecível privilégio de ter uma escola inteira contígua à casa dos

meus tios... só para mim!!

Podia ler qualquer livro da biblioteca, descobrir países nos grandes mapas, fazer enormes desenhos na lousa com giz coloridos, tocar no piano para vovó ouvir as músicas novas que eu estudara com meu professor em Montevidéu, ou as que tocava na vitrola toca-discos manual que o meu tio ensinou-me a usar...

Ah! Sim! Eu estava desfrutando de umas férias maravilhosas!!!

Mas... Naquela madrugada, acordei vendo a vovó fechar rapidamente os vidros da janela e revisar depois, as roupas de minha cama. Havia inusitados barulhos na casa e agitadas conversas quando o tio exclamou:

– Isto é uma verdadeira invasão!

Essa sinistra palavra, eu conhecia por ser mencionada nas notícias dos acontecimentos na segunda guerra mundial, que meus pais preocupados, escutavam pelo rádio. Invasão para mim significava guerra, inimigos, bombardeios, destruição e morte.

Fiquei assustada. Percebendo minha aflição, vovó mostrou-me pela janela da sala, uma imensa e compacta nuvem movediça escurecendo o céu, que por momentos abria-se em clarões, para logo voltar a se compactar. Ela então explicou-me que tratava-se de uma invasão de gafanhotos, insetos que aos milhões chegaram famintos para se alimentarem devorando as plantas e as folhas das árvores do lugar. Era um espetáculo impressionante! Alguns desses bichos morreram no peitoril da nossa janela, onde observei que eram parecidos com um grilo, pequeno preto, com longas antenas, que eu tinha visto no jardim de minha casa. Mas, estes eram marrons, maiores, com antenas curtas, olhos grandes, e patas traseiras robustas que, com certeza seriam as que lhe impulsionava para saltitar.

O tio completou com suas sábias explicações que estes insetos não têm asas quando vivem em zonas estáveis de alimentação, pois a gra-

ma das florestas de uma certa região que, sofrendo algum desequilíbrio ambiental, fazia que eles terminassem sua evolução, desenvolvendo asas para migrar em nuvens à procura de alimentos em outras regiões, ricas neles, que atacavam, lançando-se com voracidade sobre plantações provocando grandes prejuízos aos agricultores.

Ele me disse que aquele barulho contínuo e crescente até ficar exasperante, era produzido pelos insetos esfregando suas patas traseiras entre si quando comiam. Assim, encaixou nas janelas uns quadros de madeira com tela mosquiteiro para refrescar a casa fechada, mas retirou-os em seguida fechando tudo outra vez, devido ao nauseabundo cheiro vindo de fora.

Os plátanos “prateados” da noite anterior ficaram marrons disformes, cobertos por montículos de gafanhotos apinhados, que quebravam com seu peso as ramas mais frágeis de outras árvores que foram igualmente atacadas.

Quando chegou a noite, fez-se o silêncio. Pensei que os bichos tivessem ido embora, o que era incerto, porque fiquei sabendo que eles, sendo insetos diurnos, talvez à noite estivessem dormindo. Realmente, ao amanhecer continuaram a comilança com todos seus efeitos colaterais, até à tarde, quando choveu fortemente, o que fez com que eles se refugassem literalmente, forrando as vigas do teto das galerias de acesso à casa e às salas de aula como também os dintéis de todas as portas e janelas.

Na madrugada seguinte, eles partiram deixando um rastro devastador que transformou o anterior bucólico ambiente do verão na mais triste e desoladora paisagem invernal.

Os gafanhotos mortos que tapizavam o terreno e as galerias foram recolhidos com pás e levados em várias viagens de carroto manual para serem incinerados mais tarde e mais longe. A lavagem de todas as portas e janelas como as paredes da frente e posteriores, que fica-

ram muito sujas, foi feita com mangueiras, escovas e “creolina”, um desinfetante de odor forte, que também ajudou a dissipar aquele mau cheiro desagradável que ficara persistente.

Calcei as botas de borracha da tia e com o jardineiro fomos ver a horta que os alunos, por serem maioria filhos de agricultores, formaram junto ao pomar, detrás da escola para aprenderem a plantar e cultivar hortaliças que nesse verão seu José e eu cuidávamos, eu aguando após a vistoria, limpeza e colheita que ele realizava na espera da volta das crianças para o novo ano escolar. Mas, ela ficou arrasada, como as árvores do pomar que pareciam esqueletos, sem folhas e com seus frutos meio comidos afundados no solo barrento.

Vovó me disse que de vez em quando esse desastre se repetia em alguma parte do mundo e que gafanhotos e seus eventos sinistros já eram citados na Bíblia, vinculados aos juízos de Deus, como por exemplo, na oitava, das dez pragas do Egito na qual, se fala que o faraó foi advertido que sofreria uma terrível invasão de gafanhotos se não libertasse os seus escravos judeus... e ele não os libertou.

Quando muitos anos mais tarde, com Roberto, meu marido, estivemos em Patmos, a ilha grega, onde se encontra a caverna que João Evangelista escreveu seu profético livro Apocalipse. Parecia ouvir a voz da minha avó, me recitando uma passagem dele que fala da estrela que caiu à terra e o Anjo recebeu a chave do abismo da qual, saiam uma escura fumaça e gafanhotos proibidos de atacar lavouras mas que deviam atormentar durante cinco meses com dolorosas picaduras, aos homens que não tivessem a marca de Deus na testa, que os protegeria deles e nas calamidades que aconteceria no fim dos tempos.

Em outra viagem indo para Acapulco, no México, ficamos em Taxco, a Cidade da Prata, onde serviram-nos no aperitivo gafanhotos fritos, sequinhos como uma iguaria da culinária local, que não conseguimos degustar, mas que lembrou-me que vovó, naquele dia, tam-

bém me contara à respeito dos tempos bíblicos, que São João Batista, primo segundo de Jesus, quando pregava no deserto alimentava-se com gafanhotos e mel...

Quando chegamos nas proximidades da escola, então vimos a real extensão e gravidade do acontecido: Plantios e roças pequenas, totalmente destruídos e vastas zonas dizimadas nas plantações maiores. Vimos sim, um verdadeiro desastre.

Não fui com meus tios nas visitas de solidariedade que eles fizeram às famílias dos alunos e outros vizinhos, todos sofrendo muito e alguns em verdadeiro desespero pelas perdas do trabalho e também financeiras.

Para mim foi uma triste e incrível experiência haver presenciado a grande invasão de gafanhotos, realmente inesquecível, que assolou a região das “Chácaras de Melo” do Departamento de Cerro Largo da República Oriental do Uruguai, num verão da segunda metade da década de 1940.